América Latina Para analistas, comércio com a UE se recupera em 2012

Crise na Europa afeta, mas pouco, as exportações da AL

Fabio Murakawa e César Felício
De São Paulo e Buenos Aires

A crise da dívida vem afetando as exportações da América Latina para a União Europeia (UE), mas seu impacto é limitado, disseram analistas ao **Valor**. Para eles, as vendas para o velho continente devem, inclusive, começar a se recuperar a partir do segundo semestre, a não ser que uma catástrofe de dimensões gregas se espalhe para outros países europeus — o que todos veem como improvável.

Países como o Brasil e o Chile viram suas exportações para a UE caírem nos últimos meses, por conta principalmente da demanda menor pelo minério de ferro brasileiro e o cobre chileno.

No Brasil, isso representou uma queda de 21,6% na receita das exportações para a União Europeia em janeiro, em relação ao mesmo mês de 2011 (veja quadro ao lado). No caso do Chile, o tombo foi semelhante: 17,6%, tendência que, diferentemente do Brasil, vem se repetindo desde os últimos meses do ano passado. Outros países, porém, vêm apresentando melhora ou pelo menos mantendo os níveis de comércio com a Europa, como é o caso de Colômbia e Argentina.

Em relatório divulgado na semana passada, o Instituto de Finanças Internacionais (IIF) minimizou o impacto da crise da dívida nas exportações latino-americanas. "A exposição direta a um crescimento europeu mais fraco via canal de comércio não é significativa, dado que a Europa representa somente 16% das exportações latino-americanas", disse o documento. Mas, para o instituto, a situação pode ficar mais grave se a crise europeia "se tornar um obstáculo ao crescimento global e chinês".

"A queda nas exportações do Chile não é significativa, não é algo preocupante, por enquanto", diz Christian Espinosa, professor da Faculdade de Economia da Universidade Diego Portales, do Chile.

Para ele, a redução no comércio com a Europa não foi causada somente pela crise, mas é "um produto de situações que estão ocorrendo nos últimos meses". "A principal preocupação é o preço do petróleo. A indústria exportadora, seja de vinho, de celulose ou de cobre, requer esse insumo como combustível em larga medida" diz. "Isso está afetando as exportações de commodities, assim como a questão cambial. Aqui no Chile, assim como no Brasil, a sobrevalorização do peso também tem provocado a intervenção do governo."

David Lea, analista da consultoria Control Risks, em Londres, concorda que "a crise na Europa não é motivo de pânico para a America Latina". "Mas eu não diria que não há motivos para preocupação. Nenhum dos países mais afetados até agora, Grécia, Portugal, e Irlanda, é grande comprador de commodities. Mas, se a crise se aprofundar em países como a Itália e a Espanha, a história será outra."

Para Alberto Ramos, economista para América Latina do banco Goldman Sachs, em Nova York, o mercado vê hoje uma probabilidade de menor de agravamento da crise na Europa do que no final de 2011 "Algum efeito [sobre a América Latina] a crise já teve, quando o risco global subiu entre agosto e novembro, o fluxo de investimento global caiu, os preços das commodities foram ajustados e houve uma desaceleração global", diz. "Mas, em termos de expansão do fluxo de comércio, a Ásia é hoje o mercado mais importante."

Para Raphael Martello, da consultoria Tendências, a região precisa "observar como a crise europeia atingirá a China" e qual reflexo isso terá no preço das commodities. Já Rodrigo Branco, analista da Funcex (Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior), lembra que as chuvas de janeiro afetaram a extração de minérios no Brasil.

Na Argentina, o aumento de exportações para a UE está relacionado ao crescimento da produção e da venda do biodiesel derivado da soja. O país tem um dos maiores parques industriais de processamento de soja do mundo, e grande capacidade ociosa desde que a China deixou de comprar óleo de soja argentino, há alguns anos. "A demanda europeia por biodiesel é crescente porque os países da União Europeia assumiram o compromisso legal de substituir parte das importações de combustível fóssil", disse o economista Mauricio Claveri, da consultoria argentina Abeceb. As exportações argentinas de biodiesel aumentaram 70% em 2011, atingindo US$ 2 bilhões, sobretudo para a Europa.

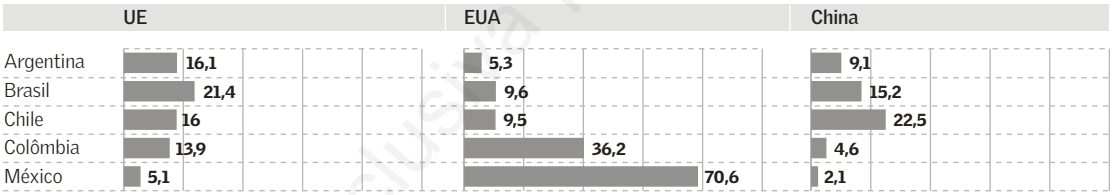
O país também se beneficiou da elevação média da cotação da soja no mercado internacional em 2011. No caso da UE, o principal item de importação da Argentina é o da farinha de soja, usado para a alimentação de suínos.

A crise e as exportações

Exportações da América Latina para a União Europeia (em US$ milhões)

	Jan-dez 2010	Jan-dez 2011	4º tri. 2010	4º tri. 2011	Jan 2010	Jan 2011
Argentina	11.622	13.763	3.196	3.251	961	962
Brasil	43.108	52.914	12.340	13.197	3.690	2.891
Chile	12.203	14.526	3.425	3.111	1.219	1.014
Colômbia	4.976	8.868	-	-	603	744
México	14.432	18.976	4.155	5.061	-	-

Os grandes mercados (em % das exportações totais)



Fontes: Banco Central da Argentina, Banco Central do México, Banco Central do Chile, Dane/Colômbia, IIF, Inegi/Chile, MDIC

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 13 mar. 2012, Primeiro Caderno, p. A13.